Vida Íntima de Uma Comunidade Hippie

Quase três mil grupos comunitários se espalharam pelos Estados Unidos, louvando um novo estilo de vida. Quais são suas chances de sobrevivência?

LESTER VELIE

NUM DIA bastante quente do verão de 1972, este enviado da sociedade convencional, acompanhado de sua não menos convencional esposa, dirigiu-se de carro para Canyon, na Califórnia, a fim de visitar uma comunidade «revolucionária», implantada tão alto nas montanhas que tivemos de fazer as últimas centenas de metros a pé. Quatro rapazes e quatro moças revolucionárias, cujas idades variavam de 19 a 26 anos, saudaram-nos num galpão que fazia as vezes de escritório, localizado logo abaixo dos seus aposentos — uma casa de madeira, em mau estado, que parecia precipitar-se para fora do penhasco.

Os homens tinham barbas. As mulheres vestiam camisas leves e soltas, sem sutiã, e *shorts* de lonita. Todos eram de famílias da classe média. «Meu nome é Pam», apresentou-se uma encantadora loura de 21 anos. «Minha mãe e minha tia são membros da sociedade *Filhas da Revolução Americana*.» Fez uma pequena pausa, para deixar claro o que lhe parecia mais importante, e acrescentou: «Eu sou membro da *Verdadeira* Revolução.»

Uma segunda jovem revelou que seu pai trabalhava para o Departamento de Estado norte-americano, num posto diplomático no exterior. E concluiu: «Meu pai é um agente do imperialismo americano.» Era uma piadinha, mas dita sem azedume, e todos riram.

Esses jovens, envelhecidos, faziam parte, antigamente, de certa força poderosa, conhecida como *A Nova Esquerda Estudantil*, que desenvolvia uma campanha nas universidades americanas, tentando transformar a

agitação estudantil dos anos 60 num movimento revolucionário de amplitude nacional. Agora, afastados dessas atividades, estes e outros ativistas da Nova Esquerda ingressaram num movimento mais amplo, a *Rebelião Hippie da Contracultura.* Suas metas: modificar a sociedade atual, não pela violência ou por uma reforma política, mas pela criação de uma nova sociedade, fulcrada no homem comum, e que derrubará os pilares tradicionais, como o casamento, a família e o trabalho rotineiro. O instrumento para levar avante essa idéia é a comunidade rural. Os rebeldes pretendem «viver a revolução» e, a partir dela, estabelecer um plano-piloto de cultura, que a massa da sociedade eventualmente copiará.

Alternativa Viável? Os movimentos jovens de contracultura não são novos. A Alemanha pré-hitlerista conheceu um importante movimento desse tipo. Grupos comunitários também não são novidade. No século XIX, nos Estados Unidos, havia cerca de 150 deles. O que é nova é a ligação do movimento jovem com a idéia comunitária. Isso deu origem a cerca de três mil comunas, habitadas por mais de cem mil jovens, distribuídos em idades que variam desde os 17/18 anos até pouco menos de 30.

Embora relativamente reduzido, em número, esse grupo de «comunitários» exerce, todavia, uma influência considerável. A razão é simples: as visitas às comunas se tornaram uma atividade extracurricular de grande importância, para os estudantes em férias, que afluem anualmente para essas localidades, a fim de observarem o funcionamento de um modo de vida que nega os valores que sustentam a sociedade atual. Por sua vez, professores universitários e outras pessoas apontam para as comunas, como a prova de que os americanos estão quebrando os laços do casamento tradicional e da vida em família — e assim, espalham o mito de que a família está em vias de desaparecimento. Tudo isso vem deixando sua marca, como pode ser atestado por uma enquete que sondou a opinião dos estudantes universitários, e que foi publicada no ano passado por Daniel Yankelovich, Inc. Quarenta por cento dos estudantes inquiridos afirmaram que gostariam de viver numa dessas comunas, ou então, juntamente com outros, «no campo».

Se um modo de vida vier a suplantar o atual, ele deverá ser melhor. Será este o caso das comunas? São elas capazes de sustentar seus membros, como podem fazer as famílias tradicionais? Possibilitam relações estáveis entre o homem e a mulher? Podem educar seus filhos, de maneira a prepará-los para uma vida adulta? Consideremos essas questões.

Construindo um Modo de Vida. Na comuna de Canyon, um rapaz chamado Cisco explicou como os comunitários se sustentam:

«A revolução precisa de serviços», disse «e nós, assim como outros

grupos comunitários, realizamos esse trabalho.» No Canyon, esse «serviço» toma a forma de uma revista quinzenal chamada *Força do Trabalho*, na qual os companheiros, que buscam «uma mudança radical» em todo o país, pedem trabalhadores. Feita na própria prensa coletiva, a revista tem uma tiragem de 12 mil exemplares, dos quais dois mil são pagos.

Examinei muitos números da *Força do Trabalho*. Surpreendentemente, a anunciada «vocação para a mudança social radical» não era, em nada, mais revolucionária do que a de certos jovens idealistas e tradicionais, em todos os tipos de organizações de ajuda. Um anúncio procurava trabalhadores para completar o *staff* do Centro de Ajuda à Juventude de Chicago. Outros pediam um médico para trabalhar numa zona rural, habitada por *chicanos* (méxico-americanos) pobres. Outros, ainda, procuravam empregados de escritório, além de alguns tipógrafos para ajudar na publicação de um jornal que lutava pela reforma penitenciária.

«O que nós estamos procurando fazer», explicou Cisco, «é colaborar na introdução de novas estruturas comunitárias: clínicas gratuitas por exemplo, ou uma atividade política radical e secreta dentro dos sindicatos. Isso ajudará o povo a controlar as instituições que governam suas vidas. Algum dia», continuou, «conseguiremos criar uma coalisão que implantará o socialismo em toda a nação.»

Por enquanto, essa aventura publicitária não está produzindo recursos financeiros suficientes. No fim-de-semana em que fiz minha visita, os agregados tinham a sua conta bancária quase a zero, e a *Força do Trabalho* trazia um apelo de página inteira aos companheiros revolucionários: «Ajudem-nos! Estamos indo à falência!» Naquela ocasião, os coletivistas dependiam das buscas semanais às latas de lixo dos supermercados da vizinhança, para satisfazer pelo menos um terço de suas modestas exigências alimentares. Ao contrário do grupo de Canyon, e de algumas outras comunidades semelhantes, a maioria dos grupos da contracultura estão tentando implantar-se «no campo». Isso não tem sido fácil. «A vida no campo» traz a necessidade de cultivar os vegetais para consumo próprio, com muito pouco, ou nenhum, excedente para ser vendido, ou trocado por outros artigos necessários. Nas áreas rurais, geralmente escolhidas pelos *hippies*, há pouca oportunidade de trabalho, e este é apenas ocasional: reparar goteiras, construir cercas, e trabalhar no campo, nas épocas mais difíceis. Os artesanatos (acessórios para o uso de drogas, peças do vestuário, artigos de couro, cerâmica ou vidro) produzem algum dinheiro, mas muito pouco.

Então, como podem os *hippies* viver?

A fonte de recursos mais importante é o subsídio do governo a desempregados. Mães abandonadas

e seus filhos, com direito à Ajuda Para Famílias Com Filhos Dependentes, são considerados como um importante investimento, assim como eles o são também, nos guetos empobrecidos. Teoricamente, o «pão» oriundo do *statu quo* deveria ser repugnante para esses contracultores. Mas muitos deles vêem nisto uma legítima maneira de ludibriar a classe média. Outros meios: a manteiga, o leite e os cereais, distribuídos pelos programas governamentais, de excedentes agrícolas; as doações feitas a incapacitados mentais; os cheques de aniversário de pais e avós. Um relatório resultante de uma ampla investigação sobre as comunidades *hippies* do norte da Califórnia, preparado sob a direção do professor Bennett Berger, da Universidade da Califórnia, conclui: «Nenhuma das comunidades observadas por nós conseguiu alcançar uma auto-suficiência.»

Relações Entre o Homem e a Mulher. Em Canyon, a revolução sexual não está produzindo resultados melhores do que a revolução econômica. Os coletivistas tentaram valentemente viver a ideologia esquerdista da antifamília. A princípio, resistiram à idéia de se agruparem dois a dois, como casais. Todos eles, rapazes e moças, dormiam juntos num mesmo quarto. Mas essa experiência não deu certo. A não-monogamia era, aparentemente, mais natural nos rapazes, habituados a conquistas, do que nas moças, as quais, graças às influências sedimentadas pelas famílias, ainda ficavam tensas diante da promiscuidade sexual. Daí, os coletivistas fizeram novos arranjos para dormir. A cada duas moças e dois rapazes, postos juntos dois a dois, foram designados dois quartos. Dois homens e uma mulher dividiam um terceiro. E o quarto dormitório coube a uma moça sozinha.

Na dura experiência do dia-a-dia, os jovens coletivistas descobriram que as necessidades emocionais e os séculos de tradição eram mais fortes do que a ideologia. Na realidade, o esforço para curvar as necessidades humanas à teoria esquerdista «estava causando a desagregação da coletividade», como revela uma confissão pungente publicada na revista da comunidade.

Educando os Filhos. Como participante da pesquisa feita pela Universidade da Califórnia, a socióloga Sherri Cavan passou oito meses estudando a vida comunal *hippie*, no norte da Califórnia. Ela relatou: «Os membros da família *hippie* são classificados segundo a idade, o sexo e a espécie. Acima, ficam os homens adultos, seguidos pelas mulheres, e depois pelas crianças e os cachorros. Algumas vezes, não são feitas distinções entre as crianças e os cachorros.»

A «vida de cachorro» de uma criança *hippie*, freqüentemente, começa pelo fato de ela não saber quem é o pai. «Enquanto os homens, as mulheres e as crianças podem viver como partes integrantes de uma mesma família, só ocasional-

mente essas crianças são relacionadas aos homens», relata Cavan. «Quase sempre são relacionadas apenas às mulheres.»

Como isso se processa? O professor Berger explica: «Uma mulher *hippie* deseja conceber uma criança, mesmo com um homem que lhe seja quase estranho, porque, embora ela não necessite de um marido, precisa *muito* da criança, tanto para ter direito ao subsídio governamental como para dar algum significado à sua vida.»

Mesmo quando alguns comunitários mantêm relações estáveis de companheirismo sexual, a criança da comuna enfrenta outro fato da vida *hippie*: uma vez ultrapassada a tenra idade, ela pode se tornar simplesmente um objecto de desinteresse ou um estorvo.

Uma anotação tirada do caderno de Cavan: «Simone pediu a Frank que lhe dissesse o número de convidados, para saber quantos pedaços de bolo devia cortar. Frank respondeu que eram 13 ou 14, dependendo de se deviam ou não contar Giles (uma criança). Simone mostrou-se relutante em incluir Giles, uma vez que parecia não existir bolo suficiente para os adultos.»

Porém, se o pequeno Giles não merecia as migalhas da mesa de aniversário, outras «sobras» estavam à sua disposição. Cavan relata: «Maconha, LSD e mescalina são partes integrantes da vida comunitária *hippie*... Espera-se que as crianças mostrem uma curiosidade natural a respeito de drogas... As drogas são, geralmente, uma guloseima especial para as crianças e uma demonstração da liberalidade dos adultos.»

De dentro do próprio mundo *hippie* vem um resumo da educação comunal das crianças. Num panfleto publicado o ano passado pelo grupo de Canyon, um comunitário escreveu: «Gostaria de afirmar que a comuna é, potencialmente, a melhor estrutura social para se educar as crianças... Mas tenho que admitir tristemente... é uma das piores.»

A instrução pode ser fortuita também. Os *hippies*, freqüentemente, rejeitam as escolas públicas locais. Em lugar delas, eles «fazem» sua própria escola, contratando um professor licenciado, de acordo com a exigência legal, e ficando na dependência de comunitários para ajudar no ensino. Nunca se sabe, no entanto, se a escola está aberta ou fechada, dependendo de como os voluntários se sintam, ou não, com vontade de lecionar, naquele dia.

Outra *anotação* no caderno de Cavan: «Cheguei à escola às onze horas da manhã. Havia cinco crianças presentes (de um total provável de trinta) e três adultos. Anna cumprimentou-me, dizendo: «Hoje, não há ninguém aqui.» Às onze e meia, todos estavam saindo da escola e uma criança disse: «Hoje não é dia bom para a escola. Não é nem mesmo um dia.»

Não há nenhum currículo estabelecido. Dependendo da disposição, tanto das crianças como dos adultos,

há uma variedade de atividades que, como diz Cavan, inclui: «Jogar cartas, cuidar dos animais, determinar os alimentos, comer, brincar com materiais, costurar, ler, fazer móveis, cuidar dos bebês, observar.» Eventualmente, alguns aprendem a ler, escrever, contar, construir e consertar. Mas também aprendem algumas lições mais importantes. Uma delas é rejeitar a sociedade estabelecida. Talvez seja mais relevante mencionar que não aprendem a autodisciplina necessária para a preparação de uma carreira profissional ou, melhor, para qualquer tipo de trabalho pelo qual alguém possa alcançar um meio de vida na sociedade.

Questões Familiares. Quando se diz a palavra «comuna», na nossa mente forma-se, imediatamente, a idéia de «comuna *hippie*». No entanto, existem outras comunas, nos Estados Unidos, que procuram reforçar a família, em vez de destruí-la. Uma delas é a dos Companheiros de Koinonia, nos arredores de Americus, na Geórgia.

Ali, podemos ver uma clareira gramada, ao redor da qual existem casas modestas, feitas de blocos de cimento, com jardins cercados. Há galpões para as provisões, uma pequena fábrica, um depósito, e um *hall* comunitário de mercadorias, do tamanho de uma casa. Nele, estão reunidos, para o almoço, 26 adultos e 20 crianças, compreendendo oito famílias, com um grupo de jovens não ligados a qualquer delas. Embora as refeições sejam em comum, continuam sendo uma atividade familiar, com mãe, pai, tias e tios, sentados lado a lado, e formando uma unidade. O jantar é servido em casa.

Uma visita com guia, ao redor desta comunidade de mais de 550 hectares, mostra que, ao contrário das comunidades *hippies*, esta é uma empresa auto-suficiente — e até mais do que isso. De uma nova fábrica, que produz conjuntos de calça comprida para mulheres, resulta uma receita anual bruta de 150 mil dólares; da produção e beneficiamento de nozes, retira-se um total de 400 mil; e dos produtos da fazenda, mais 45 mil dólares. Dependendo do tamanho de suas famílias, os «sócios» da comuna têm retiradas mensais dos resultados líquidos dessa produção. Ao contrário das comunidades *hippies*, Koinonia (a palavra é grega, e significa «companheirismo») está ligada ao mundo exterior. Por exemplo, parte de seus saldos é utilizada na construção de casas, nas vizinhanças, que são vendidas a famílias pobres de negros, ao preço de custo, e com um prazo de 20 anos para pagar, sem taxas de juros.

As famílias de Koinonia têm o cuidado de educar bem suas crianças. Muitas destas, nascidas já em Koinonia, seguiram carreiras como as de advogado ou médico, no mundo exterior. Tanto aquelas que ficam no grupo como as que o deixam, estabelecem, geralmente, sólidos matrimônios e, por sua vez, são

bem sucedidas na educação dos filhos. Isto acontece porque Koinonia é organizada em torno de unidades familiares monogâmicas, e porque desenvolveu uma próspera indústria de manufatura. Koinonia foi criada há mais de três décadas, e ainda continua fuucionando, sem problemas que façam perigar sua sobrevivência.

Como essa, outras comunidades monogâmicas, centradas na família, mostram que há lugar, na nossa sociedade atual, para experiências que podem enriquecer e fortificar a vida familiar. Mas elas têm de preencher o requisito-chave para o qual foi criada a família: educar as crianças, pois são elas que perpetuam a comunidade.

Embora os coletivistas *hippies* proclamem que estão construindo uma nova sociedade, seria difícil achar outra (moderna ou primitiva) que cuide menos de suas crianças. Rebelar-se contra os pais é um velho e venerável costume. Mas rebelar-se contra os próprios filhos é um suicídio para nossa sociedade.

NUMA reunião social em homenagem a professores do seminário e suas mulheres, um grupo ficou conversando sobre o persistente mito de que professores são distraídos. Uma das mulheres protestou dizendo que isso nem sempre é um mito. «Na verdade», disse ela, «eu acho que o meu marido esqueceu que eu estou aqui hoje e foi para casa sozinho.»

Estávamos dizendo que isso não era possível, quando o homem em questão apareceu na porta da frente, sorrindo encabulado. Passou por nós, entrou no quarto de hóspedes e saiu levando o fez que usava no inverno.

Passando de novo por nós, explicou: «Esqueci o chapéu.» Acenando com ele em despedida, tornou a sair, sempre sem a mulher. — E. S.

Escolas de Pensamento

HOJE EM DIA, as escolas americanas se dedicam tanto a ensinar a ler e a escrever, como a discutir. As discussões são entre as associações de professores e o conselho diretor. Numa reunião, as duas facções estavam sentadas à mesa, frente a frente, trocando olhares ameaçadores enquanto esperavam a chegada do mediador. Este apareceu logo, sentou-se muito sério, virou-se para o superintendente da escola e perguntou:

«Suponho que haja um relatório imparcial sobre este impasse?»

Por um minuto reinou silêncio. Depois, o superintendente respondeu:

«Há dois. Qual dos relatórios imparciais o senhor deseja ver, o nosso ou o deles?»

— C. P.